



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

A cura pela linguagem

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

A primeira ideia que nos surge ao falar da cura pela linguagem é que bastaria desabafar: falar o quanto fosse possível, descarregando as palavras aprisionadas, sufocadas pelas emoções contidas, num desejo ingente de desafogar, aliviar e liberar os afetos que pesam no peito.

Mas não bastará falar. A cura pela linguagem só se dá quando estamos dispostos a escutar.

A linguagem é um instrumento para a psicanálise, pois estabelece um vínculo. Através dela se instaura certa dinâmica intersubjetiva que pode confirmar tanto a constituição como reconstituição do sujeito; tanto o desenvolvimento, quanto o fortalecimento de relações carregadas de afeto.

Assim, em grande parte dos casos, aquilo que não é dito marca de modo muito mais traumático a constituição psíquica do que aquilo que se diz.

Enquanto a linguagem ancora, ampara e sustenta o jogo intersubjetivo fundador da consciência psíquica, a não linguagem, o segredo, o silêncio ensurdecedor se contrapõe a tais processos, por usurpar a oportunidade da narrativa e do relato da sua própria história.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

No ponto quando a linguagem termina é o comportamento que continua a falar, ou o próprio corpo, na forma de sintomas, dando mostras do sofrimento psíquico.

Calar pode evitar vivências agradáveis ou traumáticas, como pode também alienar: o preço do silêncio imposto, pode significar no adulto a recusa à possibilidade do diálogo interior, e depois para com o outro.

Assim, passamos a entender a linguagem não apenas como um instrumento, mas uma espécie de lugar onde se constitui e reconstitui aquele que fala e que se ouve, com quem o ouve, pois este outro, ao decidir ouvi-lo, o atende em sua demanda, deixando-o falar.

Muito além do discurso falado, esse lugar se estende às entrelinhas, aos não ditos, aos pequenos escapes, trejeitos, expressões do corpo e da face, que confessam o inconsciente, consoante as leis que o estruturam.

Falando, então, passamos a nos perceber de uma forma inédita.

No seu texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, Jacques Lacan, 1953, vai dizer que aquilo que foi concebido psiquicamente aparece na urgência e pode ser superado na fala, se bem direcionado.

E alguém poderia pensar se haveria palavras mágicas, frases de efeito ou linguagens específicas que libertassem o cativo do silêncio...



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

A resposta é não. Cada um deve desenvolver sua própria linguagem; aliás, o sujeito que abandona sua linguagem em benefício de linguagens já instituídas e das quais ele pouco conhece, está sentenciado à ignorância de si mesmo.

Linguagem enquanto agente de cura é aquela que nos estrutura, que nos faculta auscultar o mais íntimo, como uma sondagem terapêutica, sempre no contato com um outro que sai de si para ir ao encontro de nós mesmos.